O DIABO VESTE PRADA – CULTURA VS CONDUTA

Autor(res)

Gleice Dos Santos
Kátia Carvalho Rodrigues

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA DE SÃO PAULO

Introdução

O filme O Diabo Veste Prada (2006), dirigido por David Frankel, é uma produção baseada na obra homônima de Lauren Weisberger que se tornou um ícone cultural ao retratar os bastidores da indústria da moda e os dilemas éticos e pessoais enfrentados no ambiente de trabalho. A narrativa acompanha Andrea Sachs, jovem recém-formada que inicia sua carreira como assistente de Miranda Priestly, editora-chefe da revista “Runway”, e que vivencia as tensões entre seus valores pessoais e a cultura organizacional dominante. De acordo com Oliveira e Araújo (2017), a cultura organizacional pode ser compreendida como um sistema de símbolos e práticas que molda condutas e regula comportamentos, muitas vezes de forma implícita. No filme, a cultura do mundo da moda, marcada por rigidez estética e exigência de performance, contrasta com a conduta inicial da protagonista, que não partilha desses valores.

Objetivo

O trabalho analisa o filme "O Diabo Veste Prada", explorando a relação entre cultura organizacional e comportamento individual, os dilemas éticos decorrentes e como os personagens lidam com as exigências de adaptação ou resistência, articulando conceitos de sociologia, administração e psicologia organizacional.

Material e Métodos

A pesquisa é de natureza qualitativa, baseada na análise fílmica, considerando a obra como um estudo de caso que permite relacionar aspectos teóricos com representações cinematográficas. Para fundamentação, foram utilizados artigos acadêmicos, dissertações e trabalhos de conclusão de curso brasileiros que exploram o filme sob diferentes perspectivas, como sofrimento no trabalho, cultura organizacional, gênero e poder. Entre os materiais consultados, destacam-se Paniza e Mello Neto (2015), Sperandio (2025), Silva e Fernandes (2021), Melo (2022), Nicolella (2025), Trevisol e Lorentz (2015), Cidreira (2013), além de Silva, Militão e Grangeiro (2019).

Resultados e Discussão

A análise mostra que a cultura da revista “Runway” se apresenta como um sistema simbólico de alto rigor, pautado em dress code, produtividade extrema e lealdade absoluta à liderança de Miranda Priestly. Sperandio (2025) aponta que o dress code no filme funciona como um artefato da cultura organizacional, operando como linguagem simbólica que comunica status e pertencimento. Esse aspecto é central, pois a transformação da aparência de

Andrea é também a transformação de sua conduta, alinhando-a progressivamente à cultura dominante.

No entanto, como destacam Paniza e Neto (2015), essa adaptação cobra um preço alto: a protagonista vivencia sofrimento psíquico diante do conflito entre organização do trabalho prescrita e sua própria vida pessoal. A conduta de Andrea, antes marcada por autenticidade e desejo de autonomia, é gradualmente moldada para atender às exigências da empresa, refletindo o que Oliveira e Araújo (2017) chamam de “controle elegante do trabalho”, no qual as regras de conduta são introjetadas pelos indivíduos.

Outro ponto relevante é o capital simbólico exercido por Miranda, cuja autoridade se fundamenta no prestígio e no reconhecimento social no campo da moda. Silva e Fernandes (2021) analisam que Andrea passa a acumular “capital erótico e simbólico” ao adotar os códigos culturais do meio, o que reforça sua ascensão temporária, mas também explicita o custo de afastar-se de seus valores. Esse processo está em consonância com Nicolella (2025), que relaciona o filme às teorias de Marx e Weber, evidenciando as tensões entre alienação, racionalização e identidade pessoal no mundo do trabalho.

No campo das relações de gênero, Silva, Militão e Grangeiro (2019) observam que o filme mostra os dilemas enfrentados por mulheres em cargos de liderança, já

que Miranda é constantemente avaliada de forma mais severa que homens em posições equivalentes, sendo interpretada como “tirana” ao adotar condutas que, em homens, seriam lidas como liderança firme. Essa perspectiva amplia a discussão entre cultura e conduta, evidenciando como as expectativas sociais de gênero afetam a percepção da liderança feminina.

Além disso, Trevisol e Lorentz (2015) destacam a relação entre indústria cultural e consumo no filme, onde a moda é apresentada não apenas como estética, mas como mercadoria cultural que influencia condutas sociais amplas, criando padrões de comportamento e desejo. Essa interpretação conecta-se ao que Cidreira (2013) discute sobre a moda enquanto modo de vida, em que o consumo de símbolos se torna parte constitutiva da identidade dos sujeitos.

Por fim, Melo (2022) acrescenta que o jornalismo de moda retratado no filme funciona como mediador cultural, legitimando tendências e reforçando a cultura da moda como parâmetro de conduta socialmente valorizada. Assim, o filme vai além da ficção e espelha práticas sociais reais, tornando-se material fértil para a análise crítica de cultura e conduta.

Conclusão

O estudo evidencia que "O Diabo Veste Prada" retrata o embate entre cultura e conduta. A cultura da revista “Runway” impõe símbolos, regras e comportamentos que moldam os indivíduos, gerando tensão entre valores pessoais e exigências externas. Andrea Sachs oscila entre adaptação e resistência até retomar sua identidade, mostrando que é possível negociar limites sob forte pressão cultural. Autores brasileiros destacam que esse fenômeno vai além da ficção, envolvendo trabalho, gênero, poder e identidade, tornando o filme uma metáfora para a influência da cultura e a afirmação da individualidade.

Referências

CIDREIRA, R. A moda como modo de vida. dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda, v. 6, n. 11, p. 123-136, 2013.

FRANKEL, David. O Diabo Veste Prada [filme]. EUA: 20th Century Fox, 2006. 109 min. Direção: David Frankel. Roteiro: Aline Brosh McKenna. Baseado no livro de Lauren Weisberger.

MELO, N. Jornalismo de moda: dentro do filme O Diabo Veste Prada. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2022.

NICOLELLA, E. As condições de trabalho no filme O Diabo Veste Prada: uma visão através das teorias de Karl Marx e Max Weber. Revista Paideia do Colégio Estadual do Paraná, v. 27, n. 1, p. 45-60, 2025.

OLIVEIRA, A; ARAÚJO, M. O elegante controle do trabalho em “O Diabo veste Prada”. Scientia Plena, v. 13, n. 7, p. 1-9, 2017.

PANIZA, M.; NETO, G. O Diabo Veste Prada – e é minha chefe: resenha fílmica sobre sofrimento no trabalho. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v. 2, n. 5, p. 103-117, 2015.

SILVA, F.; MILITÃO, M.; GRANGEIRO, R. Mulheres em cargos de liderança: uma análise a partir do filme O Diabo Veste Prada. Conhecimento Interativo, v. 13, n. 1, p. 22-36, 2019.

SILVA, V; FERNANDES, P. A representação do eu no filme: O Diabo Veste Prada. Temática, v. 17, n. 7, p. 77-93, 2021.

SPERANDIO, L. Dress code como artefato da cultura organizacional: uma análise fílmica de O Diabo Veste Prada. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de São Paulo, Osasco, 2025.

TREVISOL, M.; LORENTZ, D. Indústria cultural e o consumo: estudo de caso do filme O Diabo veste Prada. Anais Eletrônicos de Comunicação Social, v. 10, n. 1, p. 55-66, 2015.